CAMARA MUNICIPAL
BARCELOS

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA

BARCELOS
3)
08(469.12)(049.3)
Á

A Redacção do Lettra, manda a seu correspondente de Barcellos

CRITICA

DE

MANUEL FORTE DE SÁ

Á

NOTICIA DE BARCELLOS

DO SNR.

ANTONIO MARIA DO AMARAL RIBEIRO

2.ª edição

Barcelina Perm.
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
N. 8471

CAMARA MUNICIPAL
BARCELOS

BARCELLOS;

J. J. L. DA CRUZ, EDITOR.

1867

Barcellos, *Typographia Barcellense*, 1867.

Ao Illustrissimo Senhor

MANUEL PAES DE VILLAS-BOAS

Em testemunho d'amizade

O. D. E C.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
N.º 7601

O Autor.

C. M.
JARCELOS
BIBLIOTECA

INTRODUCÇÃO

A historia de uma nação começa quasi sempre em factos que se envolvem nas trevas ou nas trevas que involvem os factos, da mesma forma que a historia de um livro ou um livro de historia começa, materialmente fallando, nas lettras que saem das caixas do typo para o componedor, e passam d'ahi para os galiões, especie de orago, em que os typographos poem todas as suas esperanças, como o avarento na burra que o ha-de salvar da miseria, se os ladrões lha não roubarem, como os typographos na materia, se algum aprendiz lha não desmantelar.

Ora eu que, sentado ao fogão, tinha já assentado de mim para mim que a *Noticia de Barcellos*, pelo snr. Ama-

ral Ribeiro, havia começado como qualquer outro livro, lí o fronstispicio, passei o indice de relance, mastiguei um bom pedaço no primeiro periodo, com que o snr. Sá Vianna nos presenteia e que não pude engulir porque, embolado na bocca, receei que me esganasse, e fiz depois uma pauza.

Encontrei apoz isto *duas palavras d'introducção.*

Tentei lêr, mas escarmentado pelo que o editor me tinha dito, entendi que se poderia, sem receio de peccar mortalmente, entrar para a sala de respeito, sem passar por essa porta ornada com reposteiro de filó, e que muitos auctores apresentam n'um livro, mais para não faltar á etiqueta do que para o verdadeiro fim de um preambulo; e, ía já a passar a deante, pensando que o pano d'amostra tinha sido tecido nas fabricas do sabio opifice, vai senão quando apparece-me de cara um R e um V, de casaca e luva branca, dizendo-me com toda a cortezia:

—Torne atraz cavalheiro.

Obedeci, lí e, fallando com franqueza ao meu leitor, aqui para nós que ninguem nos ouve, digo-lhe que gostei d'aquellas duas palavras, que são uma analize curta, mas que revella uma pouca de justiça, executada em quem não esmiuçou, inquiriu e averiguou como devia.

E, como tinha principiado a lêr *a noticia* ao fogão, e sentia um prazer que já ha muito não havia gostado, fiado no velhaco do indice, começei a entreter com o primeiro capitulo os pez ao fogo.

Lí, lí, lí, achava o capitulo grande, os gallos dos vizinhos já marcavam, cantando ao desafio, o 2.º capitulo da noite, as frieiras com o demorado calôr do fogão haviam-se-me manifestado nas plantas, eu já arrenegava tal capitulo bem parecido com as noites de Lamego, e estava já prestes a deitar o livro ao fogo, quando vi chegar o autor á gloria e dizer em côro com

o grande Ferreira:

Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.

Ora vejam! que glorias, que contentamentos e que amores, que causam frieiras aos da sua terra!

Ahi está porque ás vezes um livro não agrada e cahe, apezar de se ter nas pernas, e muitas vezes morre.

Mas a culpa é dos auctores, que amamentão os partos da intelligencia n'uma atmosphera de desprezo para os desvelos da critica, que elles pensam não existe em terra em que julgam, que um olho só os póde fazer rei de quem traz as mãos pelo ar, só para dar salvas de palmas ao nascer algum livro morgado.

Eu bem sei que o sr. Amaral Ribeiro me ha-de dizer, que quem morre é porque não tem que viver mais. Pois

assim é mas, como a um morto se deve todo o respeito, vamos entoar-lhe o *requiem eternam dona eis, Domine*, antes de ir para a sepultura.

MANUEL FORTE

Barcellos, 23 de janeiro
de 1867.

REFLEXÕES

Á

NOTICIA DE BARCELLOS

I. REFLEXÃO

As alpargatas, com que em principio se nos apresenta a *noticia*, tam pouco arreadas vem de galas de estylo, que fazem por vezes desanimar quem a quer lêr; e o autor, sem dó nem piedade de arriscar qualquer barcellense a esmechar a cabeça, pelo deixar com os olhos tapados em busca da origem de Barcellos, como os que jogam a cabra cega, ou porque se não quiz embair ou para se não embetesgar, depois de nos mostrar a taboleta da noite dos tempos, escuda-se com Carvalho e Poyares.

Com anojo ser n'estas cousas de apreciar historia, v. s.ª, snr. A. Ribeiro, ha-de concordar commigo, que o auctor da noticia não merece emboras em começo, e que eu, n'esta parte, hei-de ter toda a privança dos criticos.

Verdade porém seja dita, que o livro de v. s.ª não enfara; mas v. s.ª estugou tanto no acabamento da obra que, logo em principio, arriscou o barquinho ao escarceu; e pois, apezar dos «Barcinos», «Barcellona», dos «Mendes», «Cartago», «Amilcar Barca» e dos «Barcellenos» e toda essa genitura por ahi além, não pude conceber, como os Barcinos, cuja familia era chefe Amilcar, poderiam fundar Barcellos ainda no berço, e sem dizerem ainda *ta ta*.

No meu entender as feituras dos rapazes Barcinos já fallavam na barriga da mãi, e não era então muito que tal grey fundassem villas com a teta ainda na bocca.

Ora o que não pode mescabar-se é que Barcellos tenha sido a celebre ci-

dade de *Aquis Cœlenis*. Lá isso é verdade. Mas uma cidade tam grande, que asentava os seus confins muito junto a Fam, perto ao már, onde ainda se vêem os fundamentos.

Cá para este lado—para este Barcellos, se não existem, é porque foram talvez convertidos os alicerces em fundamentos para hospicio de frades, ou cousa assim que o valha.

Uma cousa que a meu vêr é pouco airosa para v. s.ª é o ladear muitas vezes para o artigo de fundo de jornal politico, não se patrisando com o que vê, e precintando tudo com remoelas, queixumes e refertas. Não me agrada este modo pelo qual a obra de v. s.ª mais pompea.

Começa o sr. A. Ribeiro o seu sahimento d'artigos de fundo com uma foucinha na mão, com que desejava cortar a curva necessaria da velha rua dos Plames.

Mal foi que o snr. A. Ribeiro no dia em que tentou começar a *noticia*,

se tivesse levantado a fazer sangue com uma foucinha.

O que val é a lei das compensações que v. s.ª traz na outra mão, para nos contrabalançar o corte da foucinha, que andou mal mais adiante, em não cortar ao soberano o titulo de duque de Barcellos, e dal-o antes ao primogenito, a quem, a meu vêr, pertence. Não quereria fazer sangue.

No que v. s.ª andou tambem mal, foi em não mandar aferir a fita metrica com que mediu as distancias d'esta villa para varias povoações. Se o sr. aferidor o multar, não tem v. s.ª que se queixar. Para lhe formar a culpa tem o aferidor para testemunhas todos os leitores do livro.

E o commercio permanente, escasso, de 9 lojas de fazendas e as immensas tabernas. . . . . ?!

Com que assim v. s.ª além de commetter a falta de contar mal, de mais em mais chama *inevriated* a qualquer estranho. Em?

Se toda a Barcellos perfilhasse o insulto, de certo que ninguem mais poria os pés no *uberrimo solo.*

Para dizer a verdade estou agora a gostar um tanto mais da obra. Aquelle artigo de fundo de paginas 8, aquellas industrias fabris e artisticas dão forçosamente no goto ainda a um safaro.

Quanto a estatistica não é o snr. A. Ribeiro muito conhecedor, podendo sel-o; mas quanto a extensões ainda o carro se intorna mais. Um pouco mede por fitas por aferir, e mais a deante quer mostrar que o termo de Barcellos foi dilatado e vai buscar o testemunho a um poema. (Não fiz aqui ponto de admiração para não fazer ficar alguem com o queixo cahido.)

II. REFLEXÃO

Agora que vamos em paginas 12, e que a contextura da obra nos deixa entrar já um pouco no sentido do auctor, podemos avançar desassombradamente que o sr. A. Ribeiro é uma enciclopedia. De tanta cousa que nós já sabemos que s. s.ª tem, faltava-nos ainda conhecer a sua aprimorada escolha em architectura. Nada encontrou na Collegiada, que lhe enchesse tanto o olho, como a architectura da capella do SS. Sacramento. Metteu a capel-

la mór de farragem com as outras e fez bem. Agora vou eu acreditando na historia d'aquella toupeira, que trocou os olhos pelo rabo.

Ha tambem uma cousa de que o auctor do livro se não lembrou ainda, foi de pedir previlegio d'invenção por cinco annos, por descobrir o motivo porque o solar dos Pinheiros é coevo do palacio dos duques de Barcellos.

Para não esquecer e porque a repetição é odiosa, farei notar de passagem que não ha uma só pagina, em que se não veja o fundo ao artigo de fundo, como facto essencial para a *noticia*, assim como uma infinidade de perguntas a tudo quanto ignora, e que toda a gente sabe.

Para exemplo. Ora não está v. s.ª, sr. A. Ribeiro, a matinar-nos por causa da origem do nome *Apoio*? E, ao contrario, como um verdadeiro chimico deu n'um prompto a razão porque as ourinas deterioram as pedras.

Não sei se é por defeito que o au-

ctor revella em não contar bem, se por engano, ou por não saber empregar palavras com propriedade cousa que se encontra a todo o momento, que o sr. A. Ribeiro chama ruas aos largos, capellas ás egrejas, omitte praças e tronca a villa por tal forma, que já parte d'ella tratam de fazer uma representação a tal respeito.

Ora que gosto tam exquisito tem o sr. Amaral pelo artigo de fundo, que para fallar no hospital d'esta villa lhe dedicou n'aquelle sentido tantas paginas.

Pois bem. Quem tanto gosta reveja-se e pavoneie-se na sua obra.

S. s.ª gosta de pugnar tanto pelos doentes e pelos fundos do hospital. A modo que nos apparece com ares de medico e financeiro.

Acaso v. s.ª escreveria este livro com outro fim que não foi o de historiar?

Uma mulher que tenho por intemerata em cousas de ver ao longe, segredava-me, ha dias:

—Oh senhor, aquillo não é historia, não póde ser.

—Então porque, mulher, respondi-lhe eu.

—Então o sr. acredita n'isso? Não vê que o sr. A. Ribeiro, quando escreve historia para os almanaks que vmc.e me tem lido, e quando falla em Farrabraz, Roldão, e nos doze pares de França, não se intermette em cousas de governação?

—Deixe-se disso, mulher. Pois onde é que o sr. Amaral escreve historias de Roldão e Farrabraz?

—Onde é? Pois v. mc. duvida do que me leu ha dias? Mas, olhe, duvide que não duvide, eu só lhe digo, que quando elle nos fallar nas sibillas, nos egipcios, nos persas, nos gregos e em outros que taes povos, hei-de estar de pé atraz para não cahir em acreditar fabulas taes.

—Qual fabulas nem meas fabulas, mulher. Aquillo é pura verdade.

—Verdade?! Pois v. mc. acredita,

que um homem, que não sabe escrever a historia da sua terra, onde lhe nasceram os dentes, saiba debicar com verdade na historia d'outros povos, para lhe escrevinhar episodios?

—Mas diga-me cá, mulher, que queria vmc.e dizer com essas cousas de governação?

—Ah, sim, eu lhe digo:

«Olhe, o sr. Amaral já foi dos governos. Agora não é. Tem talvez aspirações a um dia ser camarista, deputado e ministro; e quiz, escrevendo um dia uma noticia de Barcellos, mostrar o quanto sabia combatter os erros dos outros para que, mostrando que não fraqueava por esse lado, podessem de futuro fazel-o tudo isso sem rebuço.»

Ora eu que estava ainda em paginas 47, e que tinha ainda a revistar o resto, disse-lhe unicamente que *seria*, e passei a ver, como é que o sr. Amaral nos traduzia um texto em latim.

Vejo porém que é uma levissima versão, que qualquer estudante que

ande ainda em *hora horae* está habilitado a apresentar. É o contrario do que eu pensava, que acreditava o snr. Amaral capaz até de redigir qualquer carta, como as que se expedem da Nunciatura Apostolica.

III. REFLEXÃO

«Como testemunhas oculares e chronistas imparciaes, diz o nosso sabio auctor àcerca do apparecimento das Cruzes, é do nosso dever rectificarmos algumas inexactidões do padre *Carvalho da Costa*, sem que com ellas nem levemente pertendamos abalar a fé dos fieis, quanto ao apparecimento das Cruzes, reputado miraculoso tanto pela tradicção, como pela fé, e devoção dos Povos: a Deus nada é impossivel.»

etc. etc. etc.

Folgo grandemente com este paragrapho, que me acaba de dar uma exhuberante prova, de como o livro de que tracto se vai convertendo pouco e pouco em eschola pratica ou, antes, diversorio para todos os generos de litteratura. Que poderia dizer-se do bosquejo que se viu primeiro no *Jornal do Povo*, e que avantajava este n'um colorido que, apezar de decepado em parte, tanto o caracterisa? Se presente me fôra para o recensear, ninguem prono me faria para zoilo, mesmo que o meu juizo critico fôra, que este, um pouco mais severo.

Mas, no de que tracto, direi só que, a paginas 66, 67 e seguintes, deixa o auctor de escrever com a pureza de historiador, e tomando uma aspera palheta de critico, se aparta do que pertence ao escriptor d'aquelle genero, cujo seu agricultar, é dizer pelo que vê, com os dados que o assumpto lhe fornece, e não com um terceiro para comparação.

Se isto que digo não é para o auctor da *noticia* um dizer imparcial, e se o sr. Amaral toma antes o que digo por um juizo de caso pensado, não sei que seja então o criticar.

Crea o auctor que, para se convencer do que é a *Noticia de Barcellos*, se não devia ter levado pelos amigos que o rodeam e que claudicam tanto na amisade como no saber, nem tam pouco pelos que acham o livro mau em tudo e por tudo, deveria antes attender ao meio termo.

Lembro-me muito bem do tempo em que alguns lisonjeiros apregoavam, por toda a parte, que se ia publicar o livro de v. s.ª ; e, a ajuizar pelo seu crucitar, nada haveria que os criticos lhe decotassem.

Que diriam elles a v. s.ª, com quem a lisonja devia ter chegado ao requinte? Certamente que não fizeram o mesmo que o R. V. que, como o lisonjeiro, não é mentiroso porque não diz o que não acredita, velhaco porque não

diz o que não sente, nem inimigo secreto de quem se confessa amigo, por que não foi pelas suas lisonjas que o livro do sr. Amaral ficou com os defeitos que se lhe notam.

Eu, para dizer o que sinto, não poderei deixar de confessar que no tocante ao modo como se creou o convento do Menino Deus, andou v. s.ª como historiador, chegando por vezes a fazer com que o leitor esqueça os passados defeitos; mas não sei tambem porque fatalidade continua, como em principio, faltando aos escrupulos que devêra ter, dando-nos a paginas 88, no tempo de D. João 2.º, como de 5 a 6:000 mil réis o valor do marco de prata, quando não foi de maior de 2:280 réis.

Na escolha dos bons edificios particulares foi v. s.ª pouco feliz; primeiro porque as casas e palacios de boa arquitectura vem de mistura com as más; e, segundo, porque é improprio o termo edificio, sendo só aplicavel a

obras de grandes pedrarias como palacios e templos; e a casa do sr. Antonio Simões não està no caso apontado.

Demos de barato a paginas 90 o sr. Duque da Terceira, *residindo*, onde só se hospedára, e a paginas 94 uns 5 *arcos de volta inteira*, e cheguemos á descrição da Forca em que outra vez o auctor se compenetra do seu dever; e por ultimo à Franqueira, ultimo esforço feito pelo sr. Amaral para entrar no verdadeiro eixo. Aqui houve só o defeito de se deixar levar pelos mentores, importando-se pouco, com quem realmente seria o fundador da capella.

N'esta parte poderiamos talvez dizer o mesmo que d'aquelles rapasitos que estiveram para fundar Barcellos. Mas porque podemos chegar mais facilmente ao campo das confrontações, perguntarei ao sr. Amaral como é que D. Diogo Pinheiro podia ter sido o fundador da capella da Franqueira, se s. s.ª diz que jà no anno de 1415 era

este santuario muito celebre, e apresenta-nos D. Diogo Pinheiro, bispo, no anno de 1525?

Para isto ser possivel era necessario que D. Diogo Pinheiro tivesse uma vida mais longa que o usual dos homens costuma ter.

Ora se o sabio auctor do livro, antes de escrever a *noticia*, se occupasse um pouco em esmiuçar estas bagatellas, escusava de estar constantemente a cahir em erros que fazem descahir um livro.

CONCLUSÃO

Quem, pelo que acabamos de dizer, se não decidirá a dar de mão a qualquer duvida que podesse restar, de que o auctor andaria com menos verdade na noticia que escreveu?

E de mais:

1.º Distinguiu, comparou, julgou e contou como devia?

2.º Haveria da parte do auctor a reflexão precisa, para que não cahisse no erro de tomar como verdadeiros factos que o não fossem?

3.º Obraria livremente?

4.º As duvidas que o auctor apresenta serião resultado do equilibrio de razões oppostas, ou d'uma privação tal de conhecimentos, que não permittissem ao snr. Amaral Ribeiro a adopção ou preferencia d'outras?

É o que vamos ver.

Para distinguir, comparar emfim, para alimentar essa preciosa faculdade que reduz a systema os conhecimentos humanos, é necessario ter um complexo de principios, estudados e reunidos por tal forma em corpo de doutrina, que constituam o que os philosophos chamam sciencia.

E pela *Noticia de Barcellos* vê-se que ao auctor faltam os factos, a classificação, a theoria, e emfim o methodo; aquelles porque raramente são veridicos, e esses mesmos que são provaveis, os não procurou na verdadeira fonte; a classificação, porque a disposição d'elles não forma um corpo ou unidade de sciencia; a theoria e o methodo porque os não explica em vista da causa e razão dos effeitos, nem lhe dirige a successão em ordem.

Reflexão não a podia haver, porque se o auctor tivesse concentrada essa actividade composta de actos d'attenção, não cahiria em erros constantes e pal-

paveis. Se obrou livremente, dizem-no os factos a que o auctor se determinou. O que constitue a liberdade é uma deliberação esclarecida, e não uma escolha cega, e por veses constrangida.

Á quarta proposição não sabemos responder. Em nosso lugar fallarà o leitor desapaixonado, a quem diremos por ultimo que—o auctor, cuja obra apresenta factos contraproducentes, e a expressão de seus sentimentos com acrimenia nas palavras, vehemencia no estylo, e clara suspeição é reputado ou de má fé, ou d'ignorancia, ou de nigligencia.

Não diremos que da parte do sr. Amaral houvesse mà fé, nem completa ignorancia, houve porém em subido grau—negligencia.

FIM.

O. U. B.
BIBLIOTECA

biblioteca
municipal
barcelos
8471
Critica de Manuel Forte de Sá à
noticia de Barcell